

O BALÉ PARA SURDOS E O DISTANCIAMENTO SOCIAL: A INCLUSÃO ATRAVÉS DA TECNOLOGIA

VICTOR TECHERA SILVEIRA¹;
EDUARDO MARTINS BEMFICA²;
KARINA ÁVILA PEREIRA³

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – victor.techera.silveira@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas 2 – bemficafox@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas 3 – karina.pereira53@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O texto a seguir relata as experiências sobre os processos de ensino à distância para crianças surdas, onde as aulas estão acontecendo de forma EAD neste momento de quarentena devido à pandemia da Covid-19. As aulas fazem parte das atividades propostas pelo projeto de extensão “A comunidade surda reinventando a arte do balé” que oferece aulas de dança para a comunidade surda de Pelotas-RS. Neste atual momento o projeto manteve ativa apenas as aulas de balé para as crianças surdas na modalidade a distância.

Sabendo que as aulas à distância podem acontecer de duas formas: videoaula assíncrona e videoaula síncrona. Escolhemos como metodologia para o ensino de dança para as alunas surdas em primeiro momento as videoaulas assíncronas para posteriormente desenvolvêrmos uma videoaula síncrona.

Dessa forma desenvolvemos um plano de trabalho que consistiu em três etapas. 1^a etapa - gravação das aulas; 2^a etapa – edição dos vídeos com o foco na experiência visual para a comunidade surda; e 3^a etapa – orientação aos pais para serem mediadores durante as aulas assíncronas das crianças.

Ao trabalharmos com a mágica da edição de vídeo pudemos desenvolver uma aula mais lúdica, inclusiva e mais visual. Sabendo que as pessoas surdas, segundo Strobel (2008) vivenciam o mundo através de suas experiências visuais e adaptam esse mundo de modo que fique mais acessível aos seus semelhantes. A essas vivências/experiências chamamos de cultura surda.

De modo geral o projeto está sempre se adaptando às peculiaridades de cada aluna envolvida no projeto, pois sabemos que um momento de pandemia mundial e isolamento social os impactos na vida de cada um são grandes. A ideia da continuidade das aulas durante esse período é tornar esse momento caótico mais tranquilo nem que seja por aqueles 35 minutos de videoaula. A questão norteadora para podermos pensar sobre as produções das videoaulas se deu através dos relatos dos pais que faziam esse papel de mediador/professor. Segundo Marques (2010) a dança é inserida, construída, perpassada e necessariamente mediada pelo/no corpo. Sendo assim, o cuidado com esse corpo, que é infantil, ficou por conta dos pais que relataram dificuldade no processo de mediação, por diversos fatores, mas entre eles o principal foi a falta de tempo para dedicar a tarefa da videoaula de balé.

Partindo desse retorno das famílias em relação às dificuldades encontradas decidimos tentar desenvolver uma aula *on-line* síncrona com as alunas, pensando em uma forma em que as crianças pudessem ter uma autonomia maior durante as aulas, uma vez que nesse tipo de aula o professor pode interagir com seus alunos e os pais ficam com um mínimo de mediação nessa situação.

2. METODOLOGIA

A metodologia de trabalho pensada para o ensino de balé para crianças surdas parte dos pressupostos descritos pela Pedagogia Visual que segundo, as autoras Lacerda e Santos (2013) propõe o uso de recursos visuais para contemplar a comunidade surda. Nas aulas EAD esses recursos visuais são de grande ajuda para um aprendizado mais inclusivo e dessa forma, enfatizamos a surdez como identidade de um sujeito que vivência o mundo através da experiência visual e se comunica com ele por uma língua viso-gestual.

No atual momento o vídeo se configura como uma das formas mais tecnológicas de recurso visual utilizadas e tem sido usado de diversas formas. O vídeo revolucionou o mundo, e por sua vez a maneira como sujeito surdo se comunica com ele. Cinemas legendados, chamadas de vídeo, o uso de intérpretes em discursos políticos nas reportagens televisivas, papéis de pessoas surdas em novelas, disseminação da Libras e de cultura surda em redes sociais. O vídeo e as *lives* tornaram possível conhecer a comunidade surda e relacionar-se com a cultura desses sujeitos surdos.

Sendo assim, nossa videoaula assíncrona teve o seguinte roteiro: aquecimento, alongamento, prática de balé e relaxamento. Organizamos sempre recursos visuais sobre o mundo do balé de forma lúdica e divertida que conquiste o público infanto-juvenil do projeto. Dentro desse roteiro foram pensadas também algumas edições de vídeo com efeitos de transições que dão ênfase no lúdico, visto que o público das aulas são crianças.

Na elaboração das aulas pensamos principalmente em como poderíamos construir um conteúdo que, segundo Marques (2010) vai desenvolver um trabalho voltado ao senso crítico da criança surda, ao fazer e contextualizar a dança a partir de signos para o entendimento do corpo e como ele se relaciona com o mundo, mas não esquecendo a importância do fruir, ou seja, o prazer de se estar dançando.

É importante mencionar que a comunicação que existe entre a pessoa da videoaula (professor) e o espectador (aluno surdo) é feita através da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Também optamos por usar legendas durante todas as falas em Libras, pois temos os pais como mediadores que, muitas vezes, podem ou não ter um conhecimento básico na língua. Desta maneira reconhecemos a Libras como prevê a legislação, como nos conta Raugust e Pereira (2018):

O reconhecimento da Libras como língua se constitui através da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Por meio dessa lei, os surdos tiveram a oficialização de sua língua como “meio legal de comunicação e expressão” (Lei nº 10.436, de 24 de abril) e, posteriormente, sua regulamentação através do Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Além desse reconhecimento da Libras como língua pela lei de 2002, o Decreto nº 5.626 surge com intuito de regularizá-la. (RAUGUST, PEREIRA, 2018 p. 165)

Na aula síncrona algumas coisas estão sendo planejadas de maneira diferente. Após os pais relatarem que na maioria das vezes fica inviável estar presente no momento da aula de dança para auxiliar e cuidar as crianças, decidimos que uma videoaula síncrona poderia resolver esse empecilho e traria mais autonomia para as alunas a partir do contato direto com o professor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensando nas aulas *on-line* de dança para as crianças surdas de uma maneira que possamos ter mais empatia preservando a saúde mental e física de todos que estão envolvidos nas aulas, estamos conseguindo cumprir nosso objetivo que é manter o contato das alunas com o mundo do balé de uma maneira lúdica, inclusiva, saudável e principalmente possível, em tempos de pandemia.

Até o momento, já tivemos a experiência com a videoaula de modo assíncrono e estamos entrando no processo de sondagem com a família e também com as crianças do projeto, a fim de compreender a melhor maneira de realizar as videoaulas síncronas.

Os *feedbacks* dos pais e das alunas serão primordiais para tomarmos qualquer decisão durante esse momento, principalmente para aprimorarmos as aulas.

Desse modo, após a sondagem espera-se realizar um re-planejamento de aulas com o foco na metodologia síncrona, para que seja possível realizar semanalmente uma aula de balé de 35 a 50 minutos com cada uma das cinco alunas surdas envolvidas no projeto.

4. CONCLUSÕES

As aulas de dança para surdos desenvolvem um papel de grande contribuição para a comunidade surda e sua cultura. Desenvolver o senso motor e rítmico trabalhando diferentes formas de movimentar/expressar o corpo traz uma vida mais saudável e um autoconhecimento muito importante para o sujeito surdo.

De acordo com Vianna e Castilho (2002) a principal solução para uma vida saudável além dos benefícios fisiológicos de movimentar o corpo é movimentar este corpo com consciência. Movimentar-se trabalhando a “propriocepção¹” afeta diretamente como cada indivíduo vê a si mesmo, com uma imagem de si mais detalhada, maior o autoconhecimento, por sua vez, maior a autoestima.

No que diz respeito à inclusão temos que refletir muito antes de dizer que realmente estamos sendo inclusivos. Pensar que inserir não é incluir. Ter aulas de dança para pessoas surdas precisa de um entendimento sobre a cultura surda e também estar presente na comunidade surda. Refletindo sobre essa dualidade do inserir e incluir, podemos perceber que talvez as videoaulas síncronas possam ser mais produtivas, saudáveis e inclusivas. A presença do professor em tempo real pode fornecer a autonomia para a criança que a família tanto precisa nesse momento, onde apesar de estarmos isolados o trabalho em casa muitas vezes se torna dobrado e mais estressante.

Falar sobre uma comunidade e sua real legitimação somente pode acontecer por aqueles que a vivenciam. Entender isso é nosso dever para que a comunidade surda não precise buscar aceitação da comunidade ouvintista e sim, sinta-se por si só parte da sociedade como um sujeito que vivencia o mundo de uma forma diferente e que a marca que essa diferença faz em cada sujeito surdo seja parte do meio social como um todo.

¹ *Propriocepção* são percepções de autoconhecimento que afetam aspectos fisiológicos do corpo, explicitado por Vianna e Castilho (2002).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACERDA, Cristina B. F. de; SANTOS, Lara F. dos. (org) **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos.** EDUFSCAR: São Carlos, 2013.

MARQUES, Isabel A. **A linguagem da dança: arte e ensino.** São Paulo: Digitexto, 2010. p. 142-185.

RAUGUST, M.B.; PEREIRA, K.A., CINELIBRAS: discussões sobre o cinema como dispositivo de aprendizagem da cultura surda. In: MACHADO, L. M.C.V.; BARBOZA, F.V.; MARTINS, V.R.O. **Pesquisas em educação de surdos, tradução, interpretação e linguística de língua de sinais: tecendo redes de amizade e problematizando as questões do nosso tempo.** Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2008. Cap. 19, p. 164-173.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

VIANA, A.; CASTILHO, J. Percebendo o corpo. In: GARCIA, R. L. (org.). **O corpo que fala dentro e fora da Escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 17-34.